

CHEGARAM, FICARAM



Sebastiana, mãe de todos

A pensão onde ficavam os recém-chegados

Alemão sapateiro, cascadeiro

Serviu com o Hitler? Ou era contra o Hitler?

Cidade de ouro

Por que Ourinhos chama Ourinhos?

A ocupação da vila e seu Totó

Só morre gente boa. Vamos ser gente ruim.

A história de uma biblioteca

O dinheiro “proibido” para a biblioteca



Sebastiana, mãe de todos

Clyseide B. Escobar Gavião

Sebastiana tinha uma pensão na Jacinto Sá, bem ali na chegada do viaduto que passava por cima da linha do trem. Isso lá por 1942.

À noite, chegavam os hóspedes de sempre. Na maioria, gente que vinha para trabalhar na São Paulo-Paraná, a ferrovia dos ingleses. Muitos já vinham com emprego arrumado. E muitos já eram casados, como meu pai e minha mãe, que chegou grávida.

Sebastiana, morena, forte, bem resolvida, acomodava todo mundo, alimentava todo mundo. Sempre também tinha lugar, na pensão e no coração, para quem vinha sem ter nada, vinha procurar emprego.

Ela entendia seus hóspedes. Sabia que tinham vindo contra o vento, engolindo a poeira vermelha, que brilhava contra a luz fraca dos postes que pareciam tomatinhos vermelhos no céu.

Chegavam pensando: “Chegamos no inferno”.

Sebastiana também cuidava das dores do corpo e da alma, com os chás de todas as ervas que cresciam ali na Jacinto Sá, sem calçamento e sem calçadas.





E eles ficavam, até arrumarem uma casa ou conseguirem seus empregos.

Mas não era só isso.

Sebastiana separava brigas de bêbados, sabia guardar segredos, queria o progresso do povoado.

Muitas crianças nasceram nas mãos de Sebastiana. A parteira podia demorar. Os homens iam para a linha, as mulheres ficavam na lida. Eu mesma nasci ali, pelas mãos de dona Augusta, a parteira mais cara do bairro, mas muito ajudada pela Sebastiana.

Logo meus pais mudaram para uma casa. Mas por mais uns dez anos eu ainda a encontrava em alguns lugares e ela me envolvia com seus braços quentes.

Sebastiana caiu do céu por descuido.





Alemão sapateiro, cascateiro

Euclides Rossignoli

Alemão Sapateiro era o estrangeiro mais famoso da Vila Nova, porque, além de consertar sapatos e andar numa bicicleta esportiva, ele era um alemão que lutou na Primeira Grande Guerra na mesma unidade de um certo Adolf Hitler. Meu pai gostava das botinas que o alemão fazia, mas parece que gostava mais ainda das histórias que ele contava.

A Vila Margarida do meu tempo de criança (década de 1940), conhecida na época como Vila Nova, tinha alguns núcleos de famílias de imigrantes: portugueses, como o Jesuíno e o barbeiro Abílio; espanhóis, como os Moyas, os Robles e os Pelaías; húngaros, como os Budai; além do Miguel e da dona Bárbara que eu não sei se eram húngaros ou poloneses.

Mas o mais conhecido mesmo era o Alemão Sapateiro, ou sapateiro alemão, ou Jorge alemão sapateiro. Se eu fosse um sujeito exagerado, diria que ele era conhecido no Brasil inteiro.

Mas o que aconteceu?

Aconteceu que no livro do Jefferson Del Rios sobre Ourinhos o Jorge alemão aparece como sérvio.





Pera lá: alemão não é sérvio, e sérvio não é alemão. Um dia desses estive pensando no mistério.

A Sérvia não foi aliada da Alemanha na Primeira Guerra Mundial. Ao contrário, era adversária da Alemanha. Como é que esse sapateiro, agora sérvio, lutou na mesma unidade do Hitler? Concluí: o Jorge, alemão sapateiro, sérvio, que lutou junto com o Hitler, não passava de um grande cascadeiro!





Cidade de ouro

Maria Alice Carvalho

Subi a escada, que era ao lado da farmácia, correndo, de dois em dois degraus:

- Mãe, sabe por que essa cidade se chama Ourinhos?

Minha mãe, ainda atarefada com a mudança, não entendeu. A gente tinha vindo de Bebedouro: meu pai, Mário, minha mãe, Cida, minha irmã, Maria Elisa e eu. Meu pai era gerente da Drogasil e tinha sido transferido para Ourinhos. Nossa casa era no andar de cima da farmácia, que continua lá, no mesmo lugar.

Chegamos em 1953, eu tinha 5 anos.

Foi difícil. Não havia ônibus ou trem direto para Bebedouro, onde ficou o resto da família. Às vezes era mais fácil ir de trem até São Paulo e voltar para o interior também de trem em vez de atravessar o Estado.

Minha avó materna, Carmem, tinha vindo junto, para ajudar na mudança e no nascimento de meu irmão, Vitório, previsto para logo depois. Assim que a casa estava arrumada, minha avó chamou minha irmã e eu para dar uma volta, conhecer a cidade.





Vimos as lojas, bares, entramos pela rua 9 de Julho, passamos pelas Pernambucanas e fiquei impressionada: nunca tinha visto tanto luxo como o da Casa Alberto, com as roupas e sapatos nas vitrines.

Minha avó comentou os preços, muito altos.

Minha mãe olhou para mim, que ainda estava ofegante da subida pela escada:

- Por que chama Ourinhos?

Do alto dos meus cinco anos, expliquei:

- Porque aqui tem sapato de ouro!

Uma boa parte da população de Ourinhos era de funcionários ou executivos de grandes empresas que se instalavam na cidade, por ser entroncamento ferroviário. Havia as petroleiras, tipo Esse, Shell, Gulf, Texaco, as algodoceiras, os grandes silos de cereais. Sem falar nos bancos. Direta ou indiretamente, a população da cidade foi trazida pelos trilhos das ferrovias.





“Dona Elvira, gente ruim não morre. Só morre gente boa. Então é melhor ser ruim e a gente vai ficando por aqui.” Seu Totó queria provocar a vizinha, católica e beata. Essa cena está descrita aqui nessa crônica, onde o professor Euclides junta duas memórias em um só texto. A memória de como a cidade foi sendo ocupada por oferecer oportunidades de trabalho e a memória de como era divertido e criativo o convívio.

A ocupação da vila e Totó

Euclides Rossignoli

Meus pais mudaram da roça para a cidade em fins de 1941. Cidade, no caso, era a Vila Nova, que depois virou Vila Margarida. Éramos meu pai, minha mãe, minha irmã, eu e o Agenor. O Agenor estava deixando o colo nesta época. Meu pai, filho de imigrante italiano, veio da roça, mas já tinha juntado um dinheirinho pra comprar uma casa: comprou-a na rua XV de Novembro, entre a 7 de Setembro e a 14 de Julho, perto da igreja Glória --- Congregação Cristã do Brasil.

Quando eu tinha aí uns 9 ou 10 anos, apareceu ali perto de casa, na esquina da XV de Novembro com a 14 de Julho, um punhado de homens dispostos, comandados por um idoso. Em pouco tempo fizeram alicerces e levantaram paredes para duas residências, um bar e, nos fundos, uma marcenaria. Era o pessoal do Totó Medaglia, filho de italianos.

Depois abriram um bar, fizeram funcionar a marcenaria e mudaram a feição da rua.





O velho Totó era uma figura. Não trabalhava; acho que era aposentado. Trabalhavam seus filhos, o João, o Mário, o Florindo, o Zezinho e as meninas.

O Totó era meio espirituoso e bem-humorado. Ficava ali na rua, em frente ao bar, conversando com um e com outro, sempre que possível levando a prosa para a brincadeira. Quando ficou sabendo que minha mãe era religiosa e caridosa, inventou essa aqui.

- Dona Elvira, a senhora já percebeu que as pessoas que têm morrido eram todas gente boa. Só gente boa; gente ruim não morre, Dona Elvira!

- Eu venho observando isso já faz um bom tempo ... e cheguei a uma conclusão: Deus quer os bons lá com ele; não quer gente ruim. Os ruins vão ficando por aqui mesmo.

- Então, eu tenho aconselhado os amigos e aconselho a senhora também: gente, vamos ser ruins, vamos ser ruins, porque assim nós vamos ficando por aqui. Os bons Deus vai levando, e os ruins vão ficando. Vamos ser ruins, Dona Elvira, vamos ser ruins...





Muita gente veio para Ourinhos já com emprego arrumado na São Paulo-Paraná. Muitos vieram com as algodoceiras, cerealistas e multinacionais que se instalavam por causa do entroncamento ferroviário. Médicos e outros profissionais vieram como funcionários das ferrovias. Mas quem ia alimentar e vestir toda essa gente? Vieram os comerciantes!

Tudo por uma biblioteca

Carlos Ostronoff (Mochô)

Consta que minha família teve que deixar Ibirarema às pressas, por ameaça de morte, o que nos trouxe até Ourinhos. Na busca por algum negócio, coisa de judeu, tinha aparecido em Ibirarema a oportunidade da compra de uma sorveteria falida. Dona Luiza, minha mãe, apaixonada por sorvetes e boa negociante, colocou a coisa pra funcionar e ser rentável. O antigo proprietário, ao sentir o mau negócio que tinha feito, queria-por-que-queria o estabelecimento de volta. Chegaram a um conflito sem solução, a não ser tirar o time da cidade, diante das ameaças de morte.

Ourinhos nos recebeu com alegria.

Bom, tinha o barro e a poeira. Minha irmã, Augusta, ainda criança, tinha apenas um sapato, a família enfrentando o miserê dos recém-chegados. As ruas não eram calçadas e, quando chovia, se formava a lama vermelha que todos nós conhecemos tão bem.





Atravessando a rua, o sapato da Augusta ficou preso na lama. Acho que todos nós passamos por isso. Augusta não teve dúvidas: com receio da repercussão, colocou os sapatos no forno para secar. Quando foi ver, encontrou apenas as cinzas do único sapato.

Ainda assim, Augusta ajudou a cidade. Participou da criação e instalação da biblioteca do ginásio de Ourinhos. Uma das suas tarefas era arrecadar fundos para a iniciativa. E iniciativa foi o que ela teve: buscar doações onde havia dinheiro. Teve a coragem de ir onde nenhuma moça ia: aquelas casas das esforçadas senhoras que, mediante módica remuneração, atendiam aos senhores solitários da cidade.

Levou uma bronca do meu pai. Mas instalou a biblioteca.

